

## LITERATURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA E UMA PRÁTICA DE LEITURA

### LITERATURE IN EARLY CHILDHOOD: NATIONAL LIBRARY OF THE SCHOOL PROGRAM AND ONE READING PRACTICE

**Renata Junqueira de Souza**

UNESP - Câmpus de Presidente Prudente

recellij@gmail.com

**Cláudia Leite Brandão**

UNESP - Câmpus de Presidente Prudente

SEDUC-MT

cau\_brandao@live.com

**Resumo:** O artigo fundamenta-se na promoção do acesso aos livros de literatura para as crianças por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Diante disso, indagamos: Como funciona o PNBE na ação de distribuir obras literárias para as crianças da Educação Infantil? Quais as possibilidades de promover prática de leitura com as obras do Programa? Assim, este texto tem por objetivo apresentar informações do Programa Nacional Biblioteca da Escola na distribuição de livros de literatura para a infância e descrever uma prática de leitura realizada com as crianças, por meio da obra *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*, de Arden Druce. Para tanto, o presente estudo, utilizou-se da abordagem qualitativa, com a pesquisa documental e bibliográfica, para compreender e detalhar algumas informações sobre o Programa, bem como o estudo de caso para a prática realizada com crianças da Educação Infantil de uma creche, da cidade de Presidente Prudente - São Paulo.

**Palavras-chave:** Programa Nacional Biblioteca da Escola; Educação Infantil; Prática de Leitura.

**Abstract:** The article is based on the promotion of the access to literature books for children in Early Childhood Education through the National Library of the School Program (PNBE). Given this, we ask: How does the PNBE in the action of distributing literary works for children in Early Childhood Education? What are the possibilities of promoting reading practice with the works of the Program?. The purpose of this text is to present information from the National Library Program of the School in the distribution of children's literature books and to describe a reading practice performed with at children, by *Witch, Witch, come to my party*, by Arden Druce. In order to do so, the present study used the qualitative approach, with the documental and bibliographic research to understand and detail some information about the Program, as well as the case study for the practice performed with children of the Early Childhood Education, of the city of Presidente Prudente - São Paulo.

**Keywords:** National Library of the School Program; Early Childhood Education; Reading Practice.

### Para iniciar a discussão

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto

Os versos de João Cabral de Melo Neto nos ajudarão a refletir sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) na distribuição de livros de literatura para as escolas públicas da Educação Infantil no Brasil, pois a metáfora exalta a necessidade de ações coletivas, de união. Nesta perspectiva, pensar a democratização da leitura, a partir dos versos do poeta, seria buscar um direcionamento a um trabalho construído na integração entre políticas públicas e profissionais da

educação. Entretanto, no contexto atual, a discussão sobre o acesso aos livros também diverge. Desta metáfora, pois ainda não foi estabelecido um elo nas relações de aquisição, distribuição e circulação dos livros que chegam às escolas públicas.

O Ministério da Educação (MEC), durante dezessete anos (1997 a 2014), manteve um investimento significativo no Programa Nacional Biblioteca da Escola, distribuindo obras de literatura, periódicos e livros de referências para as instituições educacionais, fato que culminou com a importância da promoção do acesso de livros de literatura para possibilidades de formação de leitores.

Entretanto, apenas as ações de aquisição e distribuição dos livros para as escolas públicas não garantem a formação do leitor, é importante a atuação dos profissionais da educação, sejam eles gestores, bibliotecários e professores, todos atuam como protagonistas na ação de divulgação e na circulação dos materiais nas instituições educacionais. Nesta direção, Soares e Paiva (2016, p. 11) ressaltam que, no espaço escolar, “todos são mediadores de leitura, os professores, os profissionais da biblioteca, os gestores, enfim, os diferentes mediadores de leitura do contexto escolar são aqueles que detêm o poder de fazer o livro circular.”

Nesta perspectiva, consideramos que é primordial que profissionais e pesquisadores da Educação conheçam os materiais distribuídos pelo PNBE e possam fazer uso, de modo crítico e efetivo, dos livros existentes nas escolas. Tal afirmação fica mais evidente quando os já mencionados autores afirmam que:

Se os mediadores se propõem a conhecer os acervos do PNBE, suas características e potencialidades, e se o trabalho for coletivo, tanto será mais fácil naturalizar, valorizar positivamente a atividade da leitura junto aos leitores iniciantes. O espaço escolar, então, passaria a ser concebido como privilegiado para as atividades de leitura. Enfim, se os próprios mediadores intensificarem suas práticas de leitura, o livro de literatura poderá ocupar o centro da escola. (SOARES; PAIVA, 2016, p. 11).

Dessa forma, a partir da pertinência do conhecimento e da utilização das obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola, indagamos: Como funciona o PNBE na ação de distribuir obras literárias para as crianças da Educação Infantil? Quais as possibilidades de promover prática de leitura com as obras do Programa?

De tal modo, este artigo tem por objetivo apresentar informações do Programa Nacional Biblioteca da Escola na distribuição de livros de literatura para a infância e descrever uma prática de leitura realizada com crianças menores de dois anos, a partir do título do acervo de 2008, *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*, de Arden Druce.

Para tanto, o presente estudo utilizou-se da abordagem qualitativa, com a pesquisa de cunho documental e bibliográfico para compreender e detalhar algumas informações sobre o Programa, bem como o estudo de caso para demonstrar a prática realizada com crianças da Educação Infantil, da creche Clara Luz, da cidade de Presidente Prudente – São Paulo.

## **Caminhos da Pesquisa**

Este trabalho apresenta parte dos dados obtidos por meio de pesquisa desenvolvida no período de 2014 a 2016. A metodologia de pesquisa deste recorte pautou-se na abordagem qualitativa, discutida por Minayo (2010, p. 14),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

A trajetória do estudo ocorreu da seguinte forma: pesquisa documental e bibliográfica para compreender e detalhar algumas informações sobre o PNBE na aquisição e distribuição de obras literárias para Educação Infantil e estudo de caso para demonstrar a prática de leitura realizada com crianças da Educação Infantil, da creche “Clara Luz”, da cidade de Presidente Prudente – São Paulo.

Desse modo, para o estudo de caso selecionamos como *corpus* a sala da turma do Berçário II, que era composta por catorze (14) crianças, que tinham entre 1 ano e até 1 ano e 11 meses. Vale informar que a turma do Berçário tinha como responsáveis duas educadoras, uma era formada em Pedagogia e a outra tinha o Ensino Fundamental incompleto.

Na referida pesquisa, a prática de leitura realizada com as crianças ocorreu durante o ano letivo de 2016, um dia por semana com, aproximadamente, duas horas de permanência da pesquisadora responsável pela investigação. Neste momento, é pertinente contextualizar a motivação para a escolha da demonstração da prática de leitura realizada por meio da obra *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*, de Arden Druce.

No período de 2012 a 2014, uma das autoras desse artigo participou do projeto: “Literatura e primeira infância: dois municípios em cena e o Programa Nacional de Biblioteca na Escola na formação de crianças leitoras”, financiado pela FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), cujo objetivo principal foi organizar uma proposta de atividades leitoras, a partir do acervo do PNBE destinado à Educação Infantil. Para tanto, todos os livros do acervo de Educação Infantil de 2008 foram analisados.

O grupo de pesquisadoras chegou a algumas conclusões, dentre as quais, a ideia de que, se pensarmos nas crianças de até dois anos, em sua grande maioria, os livros do PNBE 2008 analisados durante a investigação não serão totalmente oportunos para o trabalho com crianças em tenra idade, porque, muitos, não possuem estímulos que possam motivar a sua atividade principal (ou seja, aquela que melhor mobiliza a criança em seu aprendizado e desenvolvimento psíquico, também chamada de atividade guia ou dirigente na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural).

Dessa forma, lacunas foram evidenciadas nos referidos livros, haja vista a necessidade de se respeitar as especificidades das crianças, levando-se em conta a tenra idade. Além disso, é importante que tais leituras estejam ligadas aos sentidos, em potencialidade, para além da visão, como a audição, o paladar, o olfato, o tato, relacionando-as com texturas, materiais mais espessos, resistentes em sua gramatura de folhas do miolo e da capa, presas, por exemplo, não somente por grampos, mas costurados – sem os quais, torna-se dificultoso o manuseio independente dos pequeninhos.

Em outras palavras, a grande maioria das obras avaliadas não possuía elementos necessários para o estímulo dos bebês, apresentava-se insuficiente em seu valor objetual-comunicativo-expressivo como motivador da atividade da criança a partir do conjunto de estímulos sensoriais, do convite à vivência prática e provenientes dos elementos gráficos do projeto editorial.

Por isso, um contato maior de intimidade entre esses leitores e o livro, nas condições apresentadas em seu projeto gráfico-editorial, em sua materialidade, prescindiria de mediadores – ainda que tal condição não deva se constituir como regra e nem impedimento para a distribuição desses livros para as crianças com até 2 anos, aqui inclusos os bebês, pois os temas das histórias e enredo, em geral, enlaçam os leitores pequeninhos e podem fazer parte das leituras do professor para as crianças.

Destacamos que as obras do PNBE 2008 são belas e chamativas para as crianças, adequadas, principalmente, para os pequenos “maiores” da Educação Infantil, isto é, turmas de 4 a 5 anos, posto que o diálogo entre linguagem verbal e visual provoca a brincadeira, incentiva a atividade guia desta idade – o jogo de papéis protagonizado ou o faz-de-conta. E, por assim dizer, possibilita novos olhares e novas percepções da literatura em seu caráter plurissignificativo e simbólico, além da participação ativa do leitor durante a manipulação e leitura do livro. Se alguns livros do acervo não conseguiriam atingir grande parte das crianças, era necessário pensar em atividades que motivassem os atos embrionários de leitura<sup>1</sup> entre as crianças menores. Dessa maneira, procuramos

<sup>1</sup> Chamamos de atos embrionários de leitura – o que buscamos compreender e caracterizar como uma mediação propícia ao desenvolvimento da atitude leitora, em seus atos e gestos embrionários. Classificamos quatro dimensões articuladas entre si, pensando nas especificidades da primeiríssima e primeira infância: (a)

discutir a educação literária não só na primeira infância, mas na Educação Infantil como um todo, ou seja, consideramos as crianças com até 3 anos, mas também as de 4 a 6 anos – uma vez que, diante da evidência das análises das obras infantis, chegamos à conclusão de que o acervo de 2008, esteve mais voltado às especificidades da Educação Infantil, do que da creche.

Assim, para demonstrar que, independente das características das obras distribuídas pelo PNBE, é possível a realização da prática de leitura com as crianças da Educação Infantil, escolhemos o livro *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa* de Arden Druce, selecionado pelo PNBE 2008 e enviado para as instituições que atendem crianças com até 5 anos.

### Contextualização do Programa Nacional Biblioteca da Escola

O Programa Nacional Biblioteca da Escola, foi instituído no ano de 1997, com o objetivo de distribuir obras de literatura, revistas e livros de referências para composição das bibliotecas das escolas públicas brasileiras. O PNBE, durante sua vigência (1997 a 2014), foi desenvolvido pelo MEC em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB) e recursos do Fundo Nacional de desenvolvimento da educação (FNDE). No decorrer dos dezessete (17) anos de funcionamento do Programa algumas resoluções foram publicadas para determinar as funções, categorias entre formas de execução do PNBE.

A Resolução nº 7, de 20 de março de 2009, no Art. 2º, apontou que seriam distribuídos às escolas acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica, visando: a democratização do acesso às fontes de informação; o fomento à leitura e à formação leitores; o apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor (BRASIL, 2009). Nesse sentido, o PNBE, a partir dessa Resolução, estabeleceu critérios para distribuição das obras de literatura, assim o atendimento passou a ser realizado em anos alternados, ou seja, nos anos pares a contemplação para as escolas da Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos; nos anos ímpares, para as escolas de Ensino Fundamental - anos finais e Ensino Médio.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola teve as seguintes ações: PNBE Especial (obras teóricas sobre necessidades especiais), PNBE Temático (obras de literatura que retratem o reconhecimento e a diversidade humana), PNBE Periódicos (revistas da área educacional) e o PNBE do Professor (obras de referências teóricas e metodológicas). Destacando uma análise do PNBE, Brandão (2016, p. 81) afirmou que

[...] pode-se comprovar que o investimento no PNBE foi contínuo. Em dezoito (18) anos de existência ele apresentou quinze (15) edições, com a distribuição de 316.440.303 (trezentos e dezesseis milhões e quatrocentos e quarenta mil e trezentos e três) entre livros e periódicos, com um investimento total de R\$ 1.163.462.254,86 (um bilhão e cento e sessenta e três milhões e quatrocentos e sessenta e dois mil e duzentos e cinquenta e quatro reais e oitenta e seis centavos).

A partir disso, podemos destacar que o PNBE se constituiu como um importante Programa no cenário da educação brasileira, pois foi por meio dessas distribuições de acervos literários que muitas escolas tiveram a possibilidade de compor suas bibliotecas com livros para alunos e professores.

O Quadro 1 apresenta os dados do PNBE nos seus dezessete anos de vigência.

**Quadro 1:** Distribuição e Investimentos do PNBE (1998 – 2014)

Edição	Programa - Ano	Quant. de livros e revistas	Investimento
1ª	PNBE 1998	3.660.000	29.830.886,00
2ª	PNBE 1999	3.924.000	24.727.241,00
3ª	PNBE 2000	3.728.000	15.179.101,00

dimensão espaço-temporal- onde e quando se lê; (b) relacional - o quê e com quem se lê; (c) modal - como se lê; e (d) objetal - com o que se lê e sobre o que se lê.

4ª	PNBE 2001	60.923.940	57.638.015,60
5ª	PNBE 2002	21.082.880	19.633.632,00
6ª	PNBE 2003/2004	49.034.192	56.224.104,30
7ª	PNBE 2005	5.918.966	47.268.337,00
8ª	PNBE 2006	7.233.075	45.509.183,56
9ª	PNBE 2008	8.601.932	65.283.759,50
10ª	PNBE 2009	10.602.491	77.498.631,10
11ª	PNBE 2010	30.415.720	146.716.014,04
12ª	PNBE 2011	17.115.844	101.962.988,98
13ª	PNBE 2012	25.635.233	134.733.348,58
14ª	PNBE 2013	34.418.960	248.055.011,74
15ª	PNBE 2014	34.145.070	150.840.016,06
<b>TOTAL</b>		<b>316.440.303</b>	<b>1.163.462.254,86</b>

Fonte: Brasil, 2016 – Referência: Brandão, 2016, p. 82

Brandão e Rodrigues (2015, p. 04), ao analisar os dados do Programa ressaltaram que desde que o PNBE foi instituído percebeu-se que, “[...] a cada ano de atendimento, tanto a quantidade de livros quanto os valores variaram bastante, pois em cada PNBE existem diferenças em números de alunos, modalidades atendidas e valores dos livros selecionados.” Diante das informações expostas, podemos avaliar a importância e amplitude do Programa na distribuição de materiais de leitura para as escolas públicas, porém apenas a chegada dos livros à instituição escolar não garante a circulação, uso e conseqüentemente a formação dos leitores. Para Souza (2016, p. 47),

É necessário investir na construção de escolas adequadas e na formação de profissionais qualificados nas bibliotecas, promover ações de comunicação e disponibilizar cursos de formação continuada ou de orientação sobre o PNBE à equipe escolar, bem como outros que possibilitem um trabalho efetivo com a literatura infantil com vistas à formação da criança leitora. Tais ações auxiliariam o programa a ter uma abrangência e uma qualidade muito superior, para além de completar prateleiras.

Um dos desafios das escolas é disponibilizar esses livros e promover a leitura, os estudos como os de Brandão (2016), Cirino (2015), Montuani (2013) e da pesquisa desenvolvida pelo Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CELLIJ) e pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Leitura e Escrita (CEPLE), da UNESP, de Presidente Prudente e Marília, respectivamente, apresentam dados e análises que demonstram o desconhecimento e pouco uso dos materiais que chegaram nas escolas pelos profissionais da educação (gestores, coordenadores, bibliotecários e professores). Prosseguimos com uma discussão sobre o histórico do PNBE na distribuição dos livros de literatura para a Educação Infantil.

### **Livros na primeira infância: O PNBE na Educação Infantil**

O acesso aos livros na primeira infância promovido pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, está interligado com a importância das vivências literárias para as crianças na Educação Infantil. Segundo Niskier (1999, p. 18),

O ideal é que a criança, mesmo antes de ler, trave contato com os livros, manipule-os, aprecie as ilustrações, interprete o que está vendo à sua maneira. Isso é uma forma inteligente de lhe despertar o gosto, que depois se traduzirá pelas primeiras e definitivas leituras.

Nesta mesma direção, Souza e Giroto (2014, p. 36) ressaltam que “esse contato inicial, sensorial com o objeto livro desperta na criança uma curiosidade para leitura, e que crianças que

têm essa relação com os livros aprendem a ler antes daquelas que não foram expostas a materiais escritos. ”.

Nesse sentido, para garantir o acesso das crianças aos livros, o Programa Nacional Biblioteca da escola, a partir da edição PNBE 2008, iniciou a aquisição e distribuição das obras de literatura para a Educação Infantil.

Soares (2008) afirma que a inclusão da Educação Infantil no Programa demonstrou um avanço significativo, pois sinalizou a importância e mesmo a necessidade da presença do livro e da leitura no processo educativo da criança antes do início da sua alfabetização formal. A partir da inclusão da Educação Infantil no PNBE 2008, o Programa manteve consecutivas distribuições dos acervos destinados as crianças na primeira infância, assim o Programa Nacional Biblioteca da Escola até o ano de 2014 realizou a distribuição em quatro edições sendo: PNBE 2008, PNBE 2010, PNBE 2012 E PNBE 2014.

O Quadro 2 demonstra os dados estatísticos das quatro edições do PNBE que foram adquiridos e distribuídos para Educação Infantil.

**Quadro 2:** Dados estatísticos do PNBE na Educação Infantil

Programa -Ano	Categoria de ensino		Escolas atendidas	Total de livros distribuídos	Investimento
PNBE 2008	Educação Infantil		85.179	1.948.140	R\$ 9.044.930,30
PNBE 2010	Educação Infantil	Creche	86.379	939.550	R\$12.161.043,13
		Pré-escola		2.450.550	
PNBE 2012	Educação Infantil	Creche	86.088	954.700	R\$ 24.265.902,91
		Pré-escola		2.530.500	
PNBE 2014	Educação Infantil	Creche	32.820	4.209.150	R\$ 50.537.660,06
		Pré-escola	79.949	7.966.028	
PNBE 2016	-----	-----	-----	-----	-----
<b>Total</b>				<b>20.998.618</b>	<b>R\$ 96.369.536,40</b>

Fonte: Brasil, 2016

Em relação a organização da Educação Infantil destacamos que, muitas vezes, as instituições escolares são as mesmas para o atendimento das crianças de até 5 anos, porém, podemos dizer que as creches são espaços para o atendimento a nível de cuidados e de educação de bebês e crianças dos primeiros meses aos 3 anos, e a pré-escola para as crianças de 4 e 5 anos. Pertencem a etapa da pré-escola. Os dados também contribuem para avaliar a desigualdade no atendimento das crianças na Educação Infantil, pois, no contexto da educação brasileira, a maior oferta e obrigatoriedade é para o atendimento das crianças da pré-escola (4 a 5 anos).

A partir dos dados do Quadro 2, percebemos que desde que o PNBE iniciou a distribuição das obras de literatura para as escolas da Educação Infantil, a cada edição, houve um aumento significativo na quantidade de obras adquiridas, bem como no investimento financeiro. Notamos que a maior ampliação no quantitativo de exemplares e investimento ocorreu no PNBE 2014, que foi a última distribuição realizada para as instituições de creche e pré-escola, sendo que, do valor total de recursos para o Programa, 52% foram gastos na edição de 2014. A justificativa para esse crescimento na aquisição dos exemplares e investimento se deu ao fato de que para a edição do PNBE 2014, cada acervo foi distribuído para ficar dispostos na sala de cada sala. Vale informar que, devido aos cortes nos programas governamentais, não houve a distribuição do PNBE 2016 para nenhuma modalidade de ensino. O cronograma do PNBE está suspenso, sem previsão de retorno das atividades de aquisição e distribuição.

O Quadro 3 disponibiliza o percentual do total de exemplares adquiridos e dos investimentos referentes a cada edição do PNBE.

**Quadro 3:** Investimentos no PNBE – Educação Infantil

Programa/ ano	Total de exemplares		Total de investimento	
PNBE 2008	1.948.140	9%	R\$ 9.044.930,30	9%
PNBE 2010	3.390.100	16%	R\$ 12.161.043,13	13%

PNBE 2012	3.485.200	17%	R\$ 24.625.903,91	26%
PNBE 2014	12.175.178	58%	R\$ 50.537.660,06	52%

Fonte: Brasil, 2016

A partir da edição do PNBE 2010, os acervos foram separados na categoria de creche e pré-escola. Isto posto, revelamos que, no PNBE 2008, foram selecionados sessenta (60) títulos, para formarem três acervos com vinte títulos, as escolas que tinham até cento e cinquenta (150) crianças receberam 1 acervo, as que tinham mais de 51 a 300 receberam 2 acervos e as que possuíam de 301 a mais receberam 3 acervos.

Já no PNBE 2012 seguiram os mesmos critérios de atendimento, sendo selecionados cem (100) títulos para compor 4 acervos com vinte e cinco (25) títulos em cada, dois foram destinados para as crianças da creche (de 3 anos abaixo) e dois para pré-escola (4 a 5 anos). As escolas, com até cinquenta (50) crianças, receberam um acervo e as que possuíam mais foram contempladas com dois acervos.

Para o PNBE 2014, houve uma mudança significativa em relação ao atendimento, nesta edição foram distribuídos acervos para ficarem disponíveis em sala da turma e, juntamente com os acervos, foram o Guia1 “Literatura fora da caixa” com textos sobre o Programa, sobre a literatura na escola e orientações de possibilidades para a mediação no trabalho com os diferentes gêneros.

Nas palavras de Soares e Paiva (2016, p.11), a finalidade do Guia é possibilitar

[...] um acesso dialogado ao universo literário das obras que constituem os acervos do PNBE 2014, propondo orientações de uso desses acervos na escola, pelos professores e pelos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, com apresentação e discussão pedagógica de gêneros, autores, temáticas, competências literárias e outras formas de conhecimento e apreciação das obras.

Com a chegada dos acervos para as escolas da Educação Infantil, um dos problemas visível nestas instituições é a falta de espaço para a disponibilização dos livros, pois muitas ainda não dispõem de bibliotecas e/ou bebetecas. Tomando como referência as etapas de funcionamento do Programa, demonstramos que o PNBE é executado pelo FNDE a partir das seguintes etapas: elaboração do Edital, inscrições das editoras, avaliação e seleção das obras, negociação e aquisição, produção, avaliação da qualidade física das obras e distribuição.

O Edital é o documento principal para a organização e sistematização do Programa, estabelecendo os critérios necessários para a inscrição e seleção das obras, e umas das informações também apresentadas é sobre a composição dos acervos a serem adquiridos por cada edição. É pertinente informar que o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Universidade Federal de Minas Gerais, foi o responsável pela avaliação do PNBE (2006 a 2014).

No processo de avaliação, o objetivo é selecionar livros para cada categoria, atendendo a diversidade de gêneros literários. Diante disso, um dos critérios de composição dos acervos é a contemplação de títulos com: 1) Textos em Verso; 2) Textos em prosa; 3) Livros de imagens e Livros de histórias em quadrinhos; 4) Livros com narrativa de palavras-chave e/ou Livros de narrativas por imagens.

O Quadro 4 apresenta os gêneros literários dos livros distribuídos para a Educação Infantil.

**Quadro 4:** Gêneros literários das obras do PNBE - Educação Infantil

Programa - Ano	Verso		Prosa		Imagem/ Quadrinhos		Palavra Chave		Total
	Títulos	%	Títulos	%	Títulos	%	Títulos	%	
PNBE 2008	31	51%	19	32%	10	17%	-----	-----	60
PNBE 2010	23	23%	48	48%	23	23%	6	6%	100
PNBE 2012	18	18%	53	53%	27	27%	2	2%	100
PNBE 2014	19	19%	56	56%	22	22%	3	3%	100

Fonte: Paiva, 2015

Os textos em prosa e verso são os gêneros literários que predominam nos títulos que

compuseram os acervos do PNBE na Educação Infantil. Conforme Paiva (2015) a prevalência pela prosa e verso se deve pela preferência do mercado escolar, pois nos catálogos das editoras são os gêneros que possuem mais livros disponibilizados para as crianças. Soares (2008) avalia como precária a produção de obras para essas idades e até mesmo o conhecimento das editoras e autores sobre o tipo de livro que é mais adequado para as crianças que ainda não estão alfabetizadas, mas que estão inseridas no mundo letrado.

A aquisição de livros de literatura para a Educação Infantil por meio do PNBE, além de possibilitar o acesso de obras para a primeira infância, também promoveu a movimentação no mercado editorial, favorecendo a produção de livros para crianças com até 5 anos.

Outro fato analisado nos acervos do PNBE destinados a Educação Infantil é a falta de materialidade para as crianças dos primeiros meses aos 3 anos de idade, pois nos acervos existem poucos livros cartonados e há uma inexistência dos diferentes tipos de livros, como: livro de pano, livro brinquedo, livro de plástico, livro de espuma, livro de banho, situação que pode ser justificada pelo custo da produção desses livros e pelos valores de aquisição das obras pelos programas governamentais. Considerando que as crianças inicialmente se apropriam dos livros por meio dos seus sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), evidenciamos que a materialidade das obras deve ser aprimorada, para que os pequenos possam usufruir deste objeto sem que ocorra a privação do manuseio e contato. Todavia, os livros infantis estão disponíveis e todos podem ser utilizados no planejamento das atividades realizadas pelos professores com o texto literário, por meio da contação, leitura e/ou brincadeiras.

Concordamos com Machado (2012, p. 09) quando diz que:

[...] ler livros de literatura na escola pode ser, para muitas crianças, a condição necessária para que experimentem, com prazer o que os livros podem lhe oferecer. Daí a importância de que a experiência da leitura, que participa das inúmeras descobertas da infância, não passem em vão na sala de aula, nas bibliotecas escolares, nas bebetecas e em outros espaços [...].

Sob esse ponto de vista, prosseguimos com uma prática de leitura realizada com as crianças abaixo de 3 anos.

### ***Bruxa, bruxa, venha a minha festa: Possibilidade de uma prática de leitura***

Na creche “Clara Luz”, percebemos que as crianças acessam livros infantis, tanto na sala de atividades, onde os professores e/ou educadores têm estantes ou caixas, baús com livros ou ainda, na bebeteca - espaço criado para abrigar livros de várias materialidades (pano, plástico, brinquedo, cartonado) e também diversos gêneros literários (poesias, histórias infantis, entre outros). Na bebeteca, esses livros são dispostos em estantes coloridas, de altura razoável para que as crianças possam livremente escolher os livros e também decidir o modo de ler, se deitadas no tapete, nos almofadões ou sentadas em cadeirinhas.

Figura 1 - Bebeteca da Instituição Infantil “Clara Luz”

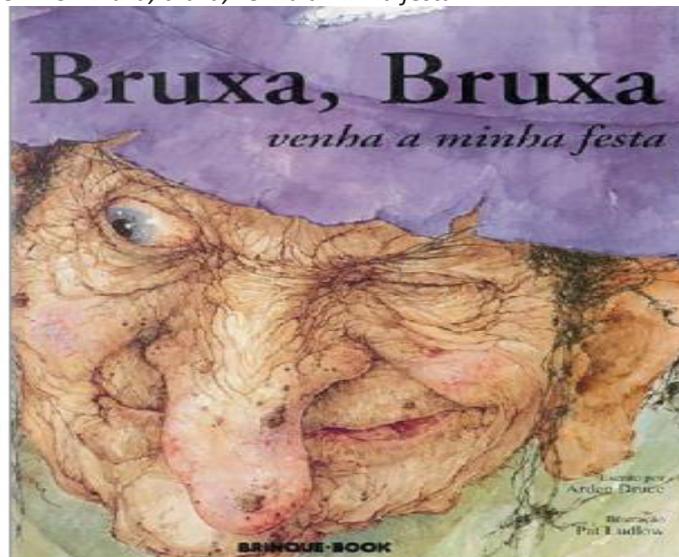


Fonte: Pesquisadoras, 2016

Como anunciado anteriormente, escolhemos o livro - *Bruxa, bruxa, venha a minha festa* para uma atividade com estratégias de leitura, capaz de estimular as crianças do berçário II para quererem acessar o livro, manuseando-o e lendo-o. A história é uma tradução do livro de Arden Druce e narra um conto de repetição, uma vez que há uma frase ou situação na história que é reiterada ao longo de todo o enredo, como por exemplo, a expressão: “Bruxa, bruxa, venha a minha festa” (DRUCE,1995, s/n). O texto discorre sobre uma festa que vai acontecer e tem como primeira convidada a bruxa, no entanto, ela só irá se puder levar outro convidado; que só irá se também puder chamar alguém e assim sucessivamente, até o final surpreendente, no qual o leitor será levado novamente ao começo da história, que precisa ser contada ou lida muitas vezes, retomando o ciclo que constrói a narrativa.

A obra apresenta poucos subsídios que estimulem os aspectos motores das crianças, porque não oferece elementos que lhes permitam brincar, morder, cheirar, sentir, apertar. Entretanto, tem um valor motivador ao estimular a participação das crianças e permitir a alternância das falas do enredo, pois a narrativa propõe que um leitor (mediador/docente) questione e que outro leitor (criança/discente) responda, provocando uma interação maior entre quem está lendo a história e os ouvintes, as crianças. Neste sentido, há uma mescla das vozes das personagens, tornando, assim, a narrativa dialógica.

Figura 2 - Capa do livro - *Bruxa, bruxa, venha a minha festa*



Fonte: Druce, 1995

O texto é escrito em prosa e possui trinta e quatro páginas, no entanto não é paginado. O enredo se desenrola por meio do discurso direto e traz uma riqueza de palavras, por exemplo: “babuíno”, “unicórnio”, “tubarão”, entre outros convidados para a festa. O livro tem dimensões ampliadas (29 cm x 23 cm), o que é bom para as crianças, pois mesmo sendo muito pequenas, podem manipulá-lo melhor, para prender as páginas do livro foram utilizados grampos e tal fato poderia ser revisto, para evitar acidentes. O título está em destaque e escrito com letras maiúsculas na parte superior da capa, há ainda uma síntese da história na contracapa.

Destaca-se o trabalho da ilustradora, pois as imagens narram uma história juntamente com o texto verbal. A artista Pat Ludlow ressaltou as personagens ao desenhá-las de forma ampliada, uma vez que as ilustrações que emolduram o texto ocupam a página inteira avançando para a página oposta, muitas vezes ampliando os limites da lauda.

Como já evidenciado anteriormente, todas as atividades literárias foram elaboradas e executadas por uma das autoras do presente ensaio, em dois espaços distintos: a bebeteca e a sala de atividades. A intervenção prática foi sustentada por um objetivo comum, discutido juntamente com as educadoras - desenvolver estratégias para educação literária das crianças do berçário II, levando em consideração as quatro dimensões dos atos embrionários de leitura: espaço-temporal, modal, relacional e objetal. Para a sessão com o livro de Arden Druce, enfatizamos a contação de histórias com uso do flanelógrafo - elucidada e justificada a seguir.

Quando chegamos na sala de atividades, nesse dia, viemos com um grande convite feito em EVA - a intenção era convidar as crianças para a contação da história. Estimulamos os pequenos, a partir do convite e da capa do livro, ampliada em cartolina, a inferirem sobre o tema da história que seria narrada. Essa atividade, chamada por Solé (1998) como “antes da leitura” teve como objetivo despertar a curiosidade das crianças para a leitura, bem como ativar conhecimentos prévios sobre o tema que seria abordado - no caso, deste livro infantil - uma festa.

Durante a primeira atividade com o convite, as crianças tentaram balbuciar o tema do livro e já estavam bastante motivadas para ouvirem a história. *Bruxa, bruxa, venha a minha festa* foi contada com uso do flanelógrafo, recurso didático, quadro revestido por flanela ou feltro em que as personagens da história podem ser fixadas, saindo e entrando em cena, conforme elas vão aparecendo na narração.

Sobre essa técnica, Santos (2015, p. 52) afirma que

O flanelógrafo poderá ser disposto de acordo com a funcionalidade do material. Se ele for de madeira ficará num tripé, numa cadeira ou no apoio da lousa e se for de papelão, poderá ficar no colo ou no chão. Os elementos cenográficos que compõem a história – personagens, objetos, ambientações – serão apresentados no decorrer da história, devendo ser afixados ou retirados do flanelógrafo de acordo com o enredo planejado. O professor, ao decidir qual narrativa apresentará para seus alunos, deve pensar em como deve construir os personagens, se fará voz diferente para cada um deles, como os movimentará pelo flanelógrafo e quais as ações são fundamentais serem narradas para que o enredo não seja descaracterizado.

Dessa maneira, a narrativa que convida as personagens para uma festa, em repetição abraçou a técnica do flanelógrafo, pois a pesquisadora foi apresentando cada uma das personagens que eram convidadas. As imagens grandes e coloridas foram coladas na sequência em que apareciam na história, fato também importante, pois, para essa faixa etária, é importante a visualização dos diversos convidados, num total de 16 (bruxa, gato, espantalho, coruja, árvore, duende, dragão, pirata, tubarão, cobra, unicórnio, fantasma, babuíno, lobo, Chapeuzinho Vermelho, crianças).

Como anunciado, a história possui várias personagens que ficam bastante marcadas pelas ilustrações riquíssimas e, apesar da quantidade e das crianças não conhecerem muitas delas, foi possível perceber a relevância das mesmas ao final da contação. Algumas dessas personagens permitem inferências a partir daquilo que as crianças já conhecem e até mesmo conexões com outras histórias. Como por exemplo, quando o narrador diz: “ - Lobo, Lobo, por favor, venha a

minha festa” (DRUCE,1995, s/n), e obtém como resposta: “ - Obrigado, irei sim, se você convidar a Chapeuzinho Vermelho” (DRUCE,1995, s/n). A imagem do lobo mostra a personagem lambendo os beiços e vestida com uma touca de dormir. Imediatamente aquelas crianças, que conhecem o conto de fada de Chapeuzinho Vermelho, já fizeram uma conexão com essa narrativa e puderam inferir que o Lobo pediria para que o narrador convidasse Chapeuzinho.

A narrativa amplia os horizontes de expectativa das crianças/ouvintes pois o pedido feito por Chapeuzinho Vermelho, ou seja, a condição para ela ir à festa, é que o narrador convide as crianças. Neste momento, são as crianças que ouvem a história que são colocadas dentro do texto, sentindo-se convidadas a irem à festa e a iniciarem novamente a leitura da obra: “ - Obrigada, irei sim, se você convidar as Crianças. - Crianças, Crianças, por favor, venham a minha festa. - Obrigada, iremos sim, se você convidar a Bruxa” (DRUCE,1995, s/n). Dessa maneira, inferir, conectar com outros textos e visualizar as personagens são estratégias que facilitam a compreensão do texto.

Baptista (2010, p. 03) reforça as estratégias de leitura estabelecendo relações com crianças da faixa etária da creche “desde que nascem, as crianças estão imersas em uma cultura específica e, ao longo do seu processo de desenvolvimento, vão criando estratégias para descrever o mundo, compreendê-lo e com ele interagir.

A partir da importância da relação entre voz e texto, após a contação de histórias, a pesquisadora apresentou novamente o texto, lendo-o em voz alta, segurando o livro e proferindo a narrativa. Nesse momento, houve um silêncio e várias cabecinhas pequenas se movimentando para verem novamente as personagens nas páginas do livro infantil.

Sobre a diferença entre contar e proferir ou ainda, ler em voz alta, Silva (2015, p. 24-25) evidencia que:

Na narração oral, oriunda da prática dos contadores tradicionais, não precisamos do apoio do livro, nos valemos da memória, do gestual, da voz e da expressão corporal para transmitir as narrativas. Nesse caso, a relação direta com o ouvinte e suas reações são fundamentais para o desenvolvimento da história. A presença do contador e do ouvinte torna-se condição *sine qua non* para que a prática aconteça. Sem o outro, a narração oral não pode existir. (...) já a leitura em voz alta necessariamente precisa do apoio do livro. Enquanto se lê, as figuras e ilustrações são mostradas aos ouvintes. Entretanto, ler não significa apenas decodificar ou decifrar o código escrito, mas sim interpretar, narrar, vivenciar, estabelecer um vínculo afetivo com o seu ouvinte, preenchendo lacunas que possam surgir, tornando a história significativa para que seja possível compreendê-la.

Na intervenção literária, depois de contar a história como recurso e, a seguir, utilizar o livro para uma leitura em voz alta, a pesquisadora disponibilizou, ao final, os materiais, tanto as personagens ampliadas para o flanelógrafo, quanto o livro foram deixados próximos das crianças para que pudessem manuseá-los e estabelecer relações, não só com tais materiais, mas também com as outras crianças, num exercício de reconto da narrativa e de diálogo com os colegas da sala de atividades.

Por fim, é importante salientar que nas atividades com crianças pequenas também são relevantes os momentos de silêncio para a escuta e compreensão das histórias, bem como momentos de conversa com os outros, uma vez que só é possível aprender determinadas condutas sociais vivenciando-as com o outro. Tais relações entre silêncio e interações sociais são capazes de ampliar a linguagem infantil, a compreensão das histórias e também a construção de conhecimentos prévios desses pequenos.

### Algumas considerações

A partir das discussões propostas neste texto, pudemos entender a importância do PNBE no contexto educacional e, principalmente, na Educação Infantil. É pertinente informar que o Programa Nacional Biblioteca da Escola teve a última distribuição no PNBE de 2014, que atendeu as crianças

da Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Educação de Jovens e Adultos, e a partir do ano de 2015 até os dias atuais (2017), o Programa não teve nenhuma ação para a continuidade de aquisição e envio de livros literários às escolas públicas.

O PNBE distribuiu quatro edições para Educação Infantil (PNBE 2008, PNBE 2010, PNBE 2012, PNBE 2014) e, de uma edição para outra, houve algumas alterações nos critérios de atendimento, bem como na formação dos acervos, no entanto, ainda se faz necessário algumas modificações, como na questão da materialidade dos livros, ou seja, a oferta dos diferentes tipos de livros, pensando nas especificidades das crianças da primeira infância.

Embora o Programa tenha alguns pontos negativos, a distribuição de livros para as instituições escolares é uma ação importante e necessária para a democratização da leitura nos espaços educacionais. Cabe ressaltar que, em que pese a importância da distribuição dos livros para as escolas da Educação Infantil, ela por si só não garante a circulação desses materiais no ambiente educacional.

Diante disso, não se torna repetitivo observar a importância de os profissionais da educação conhecerem os acervos que chegam às escolas, para possibilitarem a promoção do uso dos livros literários com as crianças. É lícito ressaltar que, com a chegada dos acervos independentes - aqueles que vão para a creche e os que vão para Educação Infantil, na instituição escolar, cabe aos gestores verificarem como disponibilizarão esses livros e onde, visto que são raras as creches que possuem uma bebeteca ou biblioteca, em seu espaço coletivo.

Por fim, parece-nos coerente afirmar que a prática de leitura com a obra *Bruxa, bruxa, venha a minha festa*, permitiu demonstrar que os mediadores podem desenvolver propostas de intervenções com as crianças menores, fazendo uso da leitura, contação e recursos que medeiam a interação entre crianças e história.

## Referências

BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6673-linguagemescritaedireitoaeducacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6673-linguagemescritaedireitoaeducacao&Itemid=30192)>. Acesso em: Fev. de 2017.

BRANDÃO, C. L. **PNBE do Professor: Usos e desusos**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, 2016. Disponível em:< <http://www.ufmt.br/ppgedu/arquivos/6ccc75047c22ef32f0289c54379db4.pdf>> Acesso em: Jun. de 2016.

BRANDÃO, C. L.; RODRIGUES, S. de F. Livros fora da caixa: proximidades e distanciamentos entre Programa Nacional Biblioteca da Escola e os professores in: **Congresso em Educação – CONPEDUC**, 2015, Mato Grosso: UFMT/CUR. Anais Pesquisa em Educação: a interdisciplinaridade em questão, 2015b, p. 858 – 866.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 20 de março de 2009**. Dispõe sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>. Acesso em: Jan. de 2016.

CIRINO, D. B. L. **Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE: apropriação dos acervos nas escolas municipais de Ipameri – GO**. 2015. 186f. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

DRUCE, A. **Bruxa, bruxa: venha a minha festa**. Ilustração de Pat Ludlow. São Paulo: Brinque-book, 1995.

MACHADO, M. Z. V. **A criança e a leitura literária**: livros, espaços, mediações. Brasília: Positivo, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Ciência, Técnica e Arte**: O desafio da pesquisa. In: MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade, 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 09 - 29.

NISKIER, A. "Um País se faz com homens e livros". In: PRADO, Jason. (org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 17-24.

PAIVA, A. **Literatura fora da caixa**: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 04-15.

PAIVA, A. PNBE: seleção, distribuição, circulação e usos de livros de literatura na Educação Infantil: uma política em (re)construção. In: BRASIL. **Literatura na Educação Infantil**: Acervos, espaços e mediações. Brasília: MEC, 2015, p. 157- 180. Disponível em:<<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/LEPI/Lit-EI-acervos-espacos-mediaco.es.pdf>> Acesso em: Nov. de 2016.

SANTOS, P. C. D. dos. Brincando com o movimento: uso do recurso flanelógrafo. In: SOUZA, Renata Junqueira de (et al.) **A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias**. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 51- 54.

SILVA, V. S. da. Foi assim que me contaram, foi assim que te contei; diálogo e reflexões sobre a narração de histórias. In: SOUZA, Renata Junqueira de (et al.) **A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias**. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 17 - 26.

SOARES, M. Livros para a Educação Infantil: a perspectiva editorial. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). **Literatura Infantil**: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 21-34.

SOARES, M. PAIVA, Aparecida. Introdução. In: BRASIL. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa – Guia 1 Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2014, p. 11-18. Disponível em:< [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category\\_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: Jan. de 2016.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. J. de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. **Revista Fronteiraz**, nº 17 - dezembro de 2016, p. 43 – 59. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/viewFile/28941/21241>> Acesso em: Jan. de 2016.

SOUZA, R. J. de; GIROTTO, C. G. Era uma vez... uma caixa de histórias: Prosa no acervo do PNBE 2014. In: BRASIL. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa – Guia 1 Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2014, p. 31- 44. Disponível em:< [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category\\_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: Jan de 2016.

Recebido em 1 de março de 2016.  
Aprovado em 24 de abril de 2017.